

CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 188 p.

Três narrativas distintas (dois diários de viagem e um livro em construção) contam as aventuras de personagens duplicadas no romance *Mongólia*, de Bernardo Carvalho, finalista do Prêmio Portugal Telecom 2004 e também vencedor do Prêmio Jabuti. São dois diplomatas, dois filhos desaparecidos, dois pais desesperados, dois guias turísticos e, por fim, duas monjas budistas em aparições meteóricas num universo de vozes masculinas. Associada ao tema do choque das culturas, a alternância engenhosa das figuras espelhadas de Carvalho dá densidade formal a essa ficção e combate a classificação algo simplista de "literatura de viagem" que o romance chegou a receber no Brasil. O autor de fato percorreu cidades da Mongólia por dois meses em 2002, como bolsista da editora portuguesa Livros Coto-via e da Fundação Oriente, de Lisboa. Mas se de um relato não-ficcional de viagem é exigido saber antecipadamente o fim, o ponto de chegada, de romances como *Mongólia* pede-se o contrário: é preciso esconder o final para não retirar do leitor aquele prazer único de ver as últimas cenas ressignificando toda a trama.

Duplos e espelhos, jogos com números e com linguagens distintas alternam-se na biografia já com sete romances de Carvalho, nascido no Rio em 1960. A estréia na literatura foi com contos, *Aberração*, em 1993. Em *Mongólia*, os duplos remetem a Jorge Luis Borges não apenas em sentido mais óbvio: o escritor argentino é citado por duas vezes no livro, logo nas primeiras 30 páginas, nos relatos dos dois diplomatas. O mais jovem será

enviado à Mongólia numa missão especial de resgate de um fotógrafo brasileiro, filho de um figurão de Brasília, desaparecido durante uma nevasca nos montes Altai. O diplomata veterano vem a ser o narrador em primeira pessoa do romance, compilando transcrições manuscritas supostamente verídicas, os diários do diplomata seu subordinado e do fotógrafo, outra técnica, a do intertexto, cara a Borges. A rede de citações vai se expandindo na geografia da Mongólia e chega à cidade de Mörön, capital de província no extremo norte, irmã gráfica da sul-americana Morón do conto *A intrusa*, de Borges, não por acaso um drama familiar que opõe dois irmãos.

“Não compreendemos nada do que vemos na China”, diz o diplomata veterano, incomodado desde o início com a arrogância etnocêntrica do colega recém-chegado a Pequim, a quem chama de desajustado: “Seus olhos distorciam a realidade”. As lentes do fotógrafo desaparecido, a quem os guias chamavam igualmente de desajustado, ou *Buruu nontom*, em mongol, também transformavam o real observado: “Vejo sexo por todos os lados. Mas é como se ninguém estivesse vendo nada”. O rapaz anota no diário que, na Mongólia, a terra reflete o céu. “A paisagem não se entrega. O que você vê não se fotografa”. Esse pequeno conjunto de assertivas dá pistas para os vários tipos de estranhamento que a narrativa propõe, que partem, desde o título, do confronto com um país distante, exótico e quase impenetrável aos olhos dos ocidentais. Num primeiro momento, os dois diários, do brasileiro desaparecido e do brasileiro que sai à sua procura guiado por pistas falsas, mostram-se como coleções de preconceitos, pequenos sustos diante da tradição e da arte alheias. Nas tendas mongóis chamadas iurtas, por exemplo, bater à porta é sinal de má educação, os moradores esperam que o viajante entre sem cerimônia, como sinal de confiança. Nas sociedades em que prevalece o budismo como caminho para a iluminação, a arte é meio, e não fim, reflete com grande desapontamento o diplomata jovem, chamado Ocidental por nômades incapazes de pronunciar o seu nome.

Numa fase posterior das respectivas viagens, o realce das diferenças culturais vai sendo substituído por aproximações, por exemplo, entre a violência no Rio de Janeiro e em Ulaanbaatar,

cidade onde o apartamento do fotógrafo era esmurrado por bêbados, o que o impedia de abrir a porta para estranhos ou de sair sozinho à noite. Também os diplomatas conseguirão distorcer as imagens ao ponto de enxergar o candomblé na representação de entidades demoníacas orientais, ou mesmo traços indígenas da Guatemala nas faces e na decoração de uma iurta.

O desterro acentua a busca por identidade, por espelhos. *Mongólia* se inicia sob o signo da violência urbana, já num tempo futuro ao núcleo do romance. Cinco anos após ter regressado da China e abandonado a carreira diplomática, o pai que saíra em busca do filho de outro é morto num tiroteio ao pagar o resgate do caçula no morro do Pavãozinho, no Rio. O cotidiano do tráfico de drogas e da corrupção policial são temas nobres para escritores brasileiros contemporâneos como Rubem Fonseca, Marçal Aquino, Patrícia Melo e Fernando Bonassi. Já não era sem tempo. Um relatório recente da ONU informa que o Brasil é recordista mundial em assassinatos, abrigando 11% das mortes provocadas todos os dias. Cada grupo de dez pessoas assassinadas no planeta terá um brasileiro, na maioria dos casos do sexo masculino, jovem e pobre. O surpreendente na ficção de Bernardo Carvalho não é, portanto, referir-se a uma matança entre policiais e seqüestradores no primeiro parágrafo do romance, mas transportar com naturalidade uma violência assemelhada para o mundo supostamente plácido de monges budistas e nômades criadores de renas e de camelos. O fotógrafo explica a um nativo que o Brasil é um país violento e ele revida: "Mais que a Mongólia?" O diplomata jovem enumera na história da Ásia massacres de milhares de inocentes e a prática macabra dos "monges abutres", caçadores de grávidas de 18 anos que, mortas no parto, forneceriam a tibia para confecção de trombetas tradicionais do Tibete e da Mongólia.

Os três níveis de narrativa se separam no livro por meio de tipologias distintas. Em ordem cronológica, surge o relato do narrador, o diplomata aposentado de quase 70 anos, em seguida o diário (ou longa carta) do diplomata "desajustado", que está com aproximadamente 36 anos na época da missão especial, e por fim a caligrafia terrível do fotógrafo de 25 anos, cujo desejo de se arriscar no inverno mongol, contra a vontade do

guia, resultou em acidente. São três períodos de vida distintos, três formas de ver o mundo, sendo que o ceticismo vai aumentando com a idade das personagens. À primeira vista, caberia cobrar do autor registros mais fortemente diferenciados das três vozes masculinas, ainda que a surpresa do final ajude a justificar a semelhança entre duas delas. De qualquer forma, incomoda, por ser improvável, acreditar que um fotógrafo e dois diplomatas tenham em seus rascunhos as mesmas habilidades de um escritor de talento em viagem à Mongólia. Também o longo trecho enciclopédico que se inicia na página 92 parece mal-encaixado no romance, uma pedreira num campo de golfe, mas esses seriam pequenos problemas formais num conjunto de narrativas cuja coerência de conteúdo é assustadora, porque vasta.

As anotações de viagem são formas de discurso duplicado, correndo em linhas paralelas que não se cruzam, como mostra o mapa reproduzido entre a epígrafe e o primeiro capítulo do romance. O pequeno texto de abertura de Franz Kafka fala de uma luta inglória num labirinto, e a literatura de opressões absurdas do autor tcheco paira sobre trechos como a transposição da burocracia soviética para o budismo ou a privatização das terras dos nômades numa notícia de jornal: “Não passava pela cabeça do Ocidental que o governo estivesse justamente pensando em erradicar o nomadismo na Mongólia”. Um trecho especial do diário do fotógrafo se repete em dois momentos, apresentado de formas distintas. Na primeira vez, na página 91, ele é introduzido pelo relato do narrador, o diplomata veterano. Na página 132, retorna com um comentário do diplomata jovem, como se as impressões do fotógrafo ajudassem a explicar a sensação de estar perdido entre histórias inventadas, cuja coerência é de efeito retroativo:

Ninguém sabe nada de lugar nenhum. Aprenderam a não se comprometer. O passado, quando não se perdeu, agora são lendas e suposições nebulosas. Eles não têm outro uso para a imaginação. Durante séculos, os ламas se encarregaram de imaginar por eles. Durante setenta anos, o partido se encarregou de lembrar por eles, no lugar deles. Agora, lembrar é imaginar. Às vezes prefiro quando dizem que não sabem ou não se lembram de nada.

Carvalho articula com esse trecho o tema da memória inventada, presente em romances anteriores seus como *Medo de Sade* e *Nove noites*, este vencedor do Prêmio Portugal Telecom 2003, ambas ficcionalizações de personalidades de existência real. Em *Mongólia*, a imersão numa cultura estrangeira que valoriza justamente a invenção dos fatos históricos torna ainda mais angustiante a tarefa de encontrar uma pessoa desaparecida seguindo vários discursos desencontrados, o do próprio fotógrafo, o do guia que acompanhou a ambos e os dos nômades que teriam visto o brasileiro. A própria justificativa da perigosa viagem feita no inverno mongol se revela falsa. E a lenda de que o velho lama budista em fuga durante o Grande Expurgo de 1937 se fizera acompanhar por uma jovem monja ganha a versão maliciosa de que a moça era na verdade um rapaz, com a deusa Narkhajid, cuja imagem tanto alucinara o fotógrafo, tatuada no sexo.

Junto das personagens explicitamente duplicadas, e de elementos como o canto difônico e o mantra em eco, há espelhamentos implícitos referindo com ironia o universo do serviço diplomático. O problema da incomunicabilidade junto aos mongóis, a fala em círculos que tanto enerva o diplomata jovem, tem outro status na carreira do colega veterano: para o diplomata narrador, fingir que não tinha ouvido uma crítica ou ocultar o que pensava eram técnicas cotidianas. O próprio idioma chinês e sua escrita de base visual possui excesso de metáforas, reflete o Ocidental. Mas reside numa figura aparentemente avulsa do romance, o adorável ogro das páginas finais, manco e sem braço, o convite para localizar as repetições sem fim dessa trama de Bernardo Carvalho, duplos moventes como a areia de um deserto que não deixa de ser labiríntico só pela ausência de muralhas. Há ogros na diplomacia. E especialmente nos desertos, os nômades repetirão os movimentos por questão de sobrevivência.

Cris Gutkoski

Mestranda em Letras da PUCRS